

**É POSSÍVEL  
TRADUZIR  
UM TEXTO DE  
QUALQUER  
LÍNGUA PARA  
QUALQUER  
LÍNGUA?**

Sim.

Melhor: todo texto que pode ser entendido pode ser repetido; e, se pode ser repetido, ou parafraseado, pode ser dito novamente em qualquer outra língua. Pronto.

Mas precisamos cuidar dos termos dessa sentença. O acadiano, falado cerca de cinco mil anos atrás, poderia ter dificuldades para traduzir um manual de computador. Talvez o Kanoê, falado por cinco pessoas em Rondônia, não dê conta de traduzir um comentário à filosofia de Heidegger. Idiomas são fatos culturais, atados ao contexto de sua comunidade. Quando o hebraico se tornou língua nacional de Israel, precisou de todo um banho de loja para passar da sinagoga para as esquinas. E um dos sessenta falantes de Ngangikurungurr, na Austrália, precisaria realizar tarefa equivalente se quisesse escrever sobre budismo. E conseguiria fazê-lo.

Cada idioma, desde que devidamente inserido numa cultura em certa medida comum, consegue expressar qualquer coisa previamente dita. Supor o contrário é supor que há humanos menos humanos que outros. Todo texto pode ser traduzido para qualquer idioma, desde que os idiomas em questão joguem o mesmo jogo: desde que participem de uma mesma macrocomunidade, em escala global.

Mas é preciso reforçar a necessidade de “textos” ou, melhor ainda, de “enunciados”: língua real usada em contextos reais.

Se uma língua como o turco, por exemplo, não marca gênero (masculino/feminino) no pronome de terceira pessoa, é fácil dizer que essa distinção é intraduzível para seus falantes. Mas isso só se sustenta na dimensão da palavra isolada. Dentro de um enunciado usado em situação real, os falantes podem sempre dar conta dessa especificidade, quando ela for relevante, e assim podem traduzir fluentemente textos portugueses que empregam “ele” ou “ela”. Exatamente como fazemos nós, aliás, ao traduzir do árabe, que marca gênero também no pronome de segunda pessoa do singular.

Ou seja, as línguas podem até pontualmente recortar a realidade de maneira diversa, mas isso em nada impede a operação de tradução de textos ou enunciados mais longos, contextualizados, reais. E, convenhamos, mais reais.

O mesmo vale para as famosas palavras *intraduzíveis*. A existência dessas ditas *holófrases* na verdade não prova muita coisa no que se refere à intraduzibilidade. Prova apenas que nem sempre uma palavra pode ser traduzida por *uma só palavra*. Precisaremos de várias, e talvez tenhamos que distribuir aquela noção por diversos momentos do texto.

Questões completamente diferentes, no entanto, surgem naquelas ocasiões em que a língua se volta sobre si própria. Se eu disser “esta sentença tem onze sílabas”, crio um problema sério para a tradução, que terá que dizer a mesma coisa no mesmo número de unidades para se manter verdadeira e em correspondência com o “original”. Ao explicitar o idioma em que falo, eu anoro o enunciado. E ele fica mais difícil de mover.

Uma versão ainda mais radical do problema é algo como “esta sentença está em português”, que em termos de tradução já é quase da natureza de famosos paradoxos como “esta afirmação é falsa” (se falsa, é verdadeira; e falsa, se verdadeira). Mas esses casos, por mais interessantes que sejam, são situações extremas, “de laboratório”, e exatamente como os paradoxos da filosofia da linguagem até hoje não foram capazes de nos impedir de falar uns com os outros, eles ficam longe de caracterizar a viabilidade da experiência de leitura e de tradução.

A poesia, no entanto, é frequentemente invocada como campo em que a linguagem está permanentemente voltada sobre si própria, consciente de seus sons e de suas estruturas. O poema (ao menos certo tipo de poema) seria um exemplo acabado de texto que funciona integralmente a partir da articulação necessária de forma e conteúdo. Nesse caso, dizem alguns, alterar a forma (trocar de idioma) geraria não uma tradução do poema anterior, mas, na melhor das hipóteses, um novo poema.

Contudo, recorrendo-se a certa medida de bom senso, não é difícil ver que esse “novo poema”, desde que concebido dentro das regras determinadas para se definir uma tradução pela comunidade de usuários do idioma “alvo” naquele dado momento (e essas regras mudam com o tempo e com as culturas), nada mais é do que a tradução do poema original. E o “problema”, mais do que se resolver, se dissolve.

Com grande frequência, é assim que se constituem os discursos da intraduzibilidade: primeiro criando a expectativa de uma perfeição de *transmissão* que jamais seria atingível (nem dentro de um mesmo idioma) e depois decretando que qualquer coisa menos que aquilo é um fracasso absoluto.

Mas essa articulação de forma e conteúdo, de som e sentido na poesia abre uma outra possibilidade ainda mais interessante. Afinal, se todo texto que pode ser entendido pode ser traduzido, o que pensar de textos que resistem à compreensão? A força da poesia, muitas vezes, provém precisamente do quanto ela tem de “indescritível”, mesmo em termos de significado. Como traduzir um texto que eu nem mesmo sei se “entendo” totalmente na língua fonte?

Muito do problema, afinal, pode estar menos nos idiomas e mais na natureza dos textos, e naquela ideia de “poder ser entendido”. Um manual de instruções *quer* ser compreendido perfeitamente. E por isso deve ser perfeitamente traduzível, e legível em tradução, sem qualquer ressalva. Um poema pode em certa medida *desafiar* a compreensão direta, e é esse o seu jogo. Por isso mesmo, sua traduzibilidade vai ser mais complexa, e ele pode até vir a sustentar essa ideia de que o original ainda terá algo de insubstituível.

Mas se esse original tem validade dentro de sua cultura, se faz parte do jogo literário daquele mundo, deveria também poder fazer parte de outros. Deveria poder ser traduzido.

Aqui, os limites da tradução parecem de fato se esgarçar.

E não precisa se tratar de poesia. Eu tenho que reconhecer, por exemplo, que por melhores que sejam as traduções de *Grande Sertão: Verdades*, de Guimarães Rosa, o leitor brasileiro parece ter um tipo de acesso mais *imediato*, uma relação mais *afetiva* com aquelas palavras e frases. E tenho de reconhecer que ao menos no domínio da literatura esse dado algo intangível parece fazer parte do efeito da obra. De seu poder. E, definido dessa maneira, isso é algo que o leitor estrangeiro dificilmente recuperará. E o problema já parece intransponível.

Mas será que esse aspecto é essencial? Pois eu posso igualmente lembrar que, dentro do Brasil, o leitor mineiro está ainda mais bem preparado para essa leitura. E o que dizer do mineiro do sertão? E do mineiro sertanejo que viveu aquele mundo de meados do século XX?

Esse caminho todo leva a outra redução ao absurdo: à constatação de que apenas uma pequena parcela da humanidade pode de fato compreender um enunciado. Ou, no limite, apenas seu destinatário original, ou mesmo seu autor.

Do outro lado, do lado do bom senso, entre os problemas que se “dissolvem”, resta um resmungo que ecoa o “e, no entanto, se move” de Galileu. Eu posso afirmar, sem mentir, que li a Bíblia, li *tankas* e *haicais* e li Tolstói, mesmo que não conheça os idiomas originais. Posso me apropriar dos sentidos e dos efeitos desses textos e inclusive reproduzir, parafrasear esses sentidos e efeitos. Tais textos vêm sendo traduzidos e retraduzidos dentro de parâmetros considerados legítimos e plenos pela cultura em que vivemos, nas regras do jogo que jogamos, mantendo inclusive a necessária camada intangível de “incompreensão” que trazem desde a origem.

Nesses casos mais indefiníveis, talvez a existência renitente das traduções, bem como sua constante validade linguística e cultural, seja a prova mais definitiva da ideia abstrata da traduzibilidade de todo texto para todo idioma.